

FMI revisa a taxa de crescimento para o Brasil

Economia - Brasil

13 SET 2001

GAZETA MERCANTIL

Termos fixados no acordo apontam expansão real da economia este ano entre 2,2% e 2,7%, e até 3,5%, em 2002

Sheila D'Amorim e Marcello Antunes
de Brasília

Em depoimento de cinco horas na Câmara dos Deputados, ontem, para explicar aos parlamentares os memoriais Técnico de Entendimentos e de Política Monetária do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que garantiu para o Brasil um empréstimo equivalente a US\$ 15,65 bilhões, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, mais uma vez dominou a cena com plena desenvoltura. Da mesma forma que rechaçou com veemência os atos terroristas ocorridos anteontem nos Estados Unidos, também rebateu as críticas à política econômica adotada no País, quando inquirido pelos deputados petistas Ricardo Berzoini e Aloísio Mercadante, ambos de São Paulo.

No entanto, Pedro Malan que, pela enésima vez, descartou o desejo de candidatar-se à Presidência da República, falou de números e projeções que, após a tragédia nos Estados Unidos, podem ficar defasadas. Os termos fixados no acordo com o FMI apontam um crescimento real da economia este ano entre 2,2% e 2,7%, podendo chegar a 3,5%, em 2002. Esse cenário, porém, leva em conta uma política monetária e cambial que poderá sofrer ajustes para responder aos acontecimentos externos.

A expectativa de crescimento já havia sido alterada após a revisão do crescimento econômico norte-americano feita com base nos dados do



Pedro Malan

Na avaliação de Malan, o superávit de US\$ 2 bilhões previsto para 2002 é muito melhor do que o número anterior

primeiro semestre deste ano. "Esse contexto internacional mais adverso tem efeitos que não podem ser ignorados e o Brasil não está desconectado do resto do mundo", disse o ministro. Apesar de condenar veementemente o atentado, Malan se mostrou otimista com relação aos desdobramentos futuros. "Há uma serena confiança de que as dificuldades serão equacionadas com um grau de cooperação internacional maior do que tivemos até o momento."

Ele destacou que vários presidentes de bancos centrais já se mostraram dispostos a assegurar a liquidez das operações financeiras. O ministro citou ainda como vantagem para o Brasil e a América Latina, o fato de a região ter uma característica que não se compara com outras. "Aqui não temos conflitos de fronteira, não temos exércitos colocados contra civis, não temos conflitos étnicos insuperáveis, não temos fanatismos religiosos ainda, que gerem

instabilidade política", disse. Como vem fazendo nas suas últimas aparições públicas, Malan manteve a postura de voraz defensor do governo e da política econômica em vigor. Bem ao estilo toma-lá-dá-cá não aceitou provocações sem rebatê-las à altura. O ministro começou o seu discurso ressaltando a importância do acordo com o FMI para o País e afirmou que o "Brasil não está e não entrará em crise".

Mesmo com a necessidade de o país atrair um volume considerável de dinheiro externo para financiar um déficit que chegará a US\$ 26 bilhões este ano e US\$ 24,5 bilhões, no ano que vem, o ministro acredita que a situação não é tão preocupante. O otimismo de Malan foi alvo de duras críticas pela oposição. "Não sei de qual país o senhor está falando", disse o deputado Aloísio Mercadante. Essa era a primeira de uma série de provocações ao ministro que viriam nos 16 minutos seguintes de exposição do parlamentar. O petista disse que Malan não deveria perder tanto tempo visitando o site do PT na internet e, citando textos antigos escritos pelo ministro na década de 80, disse que atualmente ele age de forma contrária ao que defendia anteriormente.

Mercadante foi além e lembrou que, apesar de o ministro garantir, em outubro de 98, que o País não teria uma "maxidesvalorização, nem uma midi, nem uma flutuação cambial porque o regime que temos é esse que está aí e é esse que continuará", o Brasil viveu o oposto meses depois. O governo fechou um acordo com o FMI e, ainda assim, teve que abrir mão da política de bandas cambiais, em janeiro de 1999.

"Não tem essa de dizer que recorremos ao fundo por causa de um cenário internacional adverso. Se fosse assim, todos países também teriam feito o mesmo. Estamos indo ao Fundo Monetário Internacional

Metas acertadas com o Fundo

Critérios de desempenho (dezembro/2001)

• Resultado primário do setor público consolidado	R\$ 40,2 bilhões
• Estoque da dívida externa do setor público não-financeiro	US\$ 94,8 bilhões
• Dívida externa do setor privado com garantia pública	US\$ 1,6 bilhão
• Dívida externa de curto prazo do setor público não financeiro	US\$ 3,5 bilhões
• Reservas internacionais líquidas (piso)	US\$ 20 bilhões

Fonte: Memorando de Técnicos de Entendimentos

porque somos uma economia fragilizada, vulnerável", afirmou Mercadante. Ele deu sequência às críticas citando a piora das contas externas e da dívida pública durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso.

O ministro Malan que ouvia a tudo com uma aparente tranquilidade, deixada de lado apenas por alguns segundos enquanto fazia anotações, não deixou por menos. "O deputado falou 16 minutos e peço para usar o mesmo tempo." Em seguida, disse que não se arrependia de nada que havia escrito e que as análises não poderiam ser dissociadas na situação econômica da época em que foram elaboradas.

Bastante irônico, disse estar "fascinado" com o empenho do deputado em levantar os seus textos. "Não vou perder tempo lendo textos antigos seus para lhe provocar com pequenas frases. Lamento que eu lhe transmita a idéia de arrogância, mas o senhor também me transmite. Então, estamos quites."

Superávit — Segundo o ministro, os superávits comerciais ressaltados pelo petista como sinal de punjânia da economia eram sustentados por subsídios às exportações, freio nas importações e controle no câm-

bio. Na avaliação de Malan, o superávit de US\$ 2 bilhões previsto para 2002 é muito melhor do que o número anterior porque está baseado num novo cenário de estabilidade econômica e fiscal.

Citando nominalmente o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, disse que ele é um mentiroso porque afirmou que o governo teria se comprometido a vender o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal para garantir o aval do FMI. "O presidente do seu partido disse que iríamos privatizar e mentiu", afirmou. Em seguida leu trecho de um artigo em que Lula compara o ministro ao personagem infantil Tio Patinhas. De acordo com o texto, Malan seria o detentor da chave do cofre, no caso, o Tesouro Nacional, e o abriria apenas para favorecer os amigos em época de eleição.

"Uma pessoa que há 12 anos é candidato à presidência da República ter essa visão do processo orçamentário no Brasil é preociente", afirmou. Mercadante reagiu: "Talvez a declaração tenha sido forte. Mas uma pessoa que teve a vivência de Lula trata de questões como essa de maneira diferente. O senhor só vê desempregados como estatísticas mas, para Lula, eles têm rosto."